RUMINANTES

052
ANO 14 | 2024
JAN/FEV/MAR
(TRIMESTRAL)
PREÇO: € 8.00

A REVISTA DA AGROPECUÁRIA WWW.REVISTA-RUMINANTES.COM



Bovinos
Bem-estar no transporte de animais: o que há de novo

Boer
Situação atual da raça caprina sul-africana em Portugal

Agricultura regenerativa
Um projeto para melhorar a saúde dos solos em explorações açorianas

Mertolenga
Uma raça com interesse para cruzamentos como linha materna

Foto: Nuno Marques



GENÉTICA | BOVINOS DE CARNE

EM LINHA MATERNA

NUMA CONVERSA QUE TIVEMOS, EM NOVEMBRO PASSADO, COM O SECRETÁRIO TÉCNICO DA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DE BOVINOS MERTOLENGOS (ACBM), SOBRE OS DESÍGNIOS DA RAÇA, JOSÉ PAIS FALOU SOBRE AS CONDIÇÕES QUE CONSIDERA FUNDAMENTAIS PARA PRESERVAR O INTERESSE DOS CRIADORES NESTA RAÇA E DA SUA UTILIZAÇÃO COMO LINHA MATERNA. **Por** Ruminantes | **Fotos** Francisca Gusmão, Nuno Marques, José Pais

Promover a Mertolenga em cruzamentos como linha materna e definir um programa operacional português para a produção de carne. Numa entrevista à revista Ruminantes, em novembro passado, José Pais apontou estas metas como prioritárias para garantir a continuação da raça autóctone de bovinos com o maior efetivo em Portugal. "À data de hoje, o efetivo nacional de reprodutoras mertolengas (com mais de 2 anos), de acordo com o SNIRA, conta com cerca de 22.000 animais. Dessas, cerca de 53% integram o Livro Genealógico (LG) e 54% destas estão em cruzamentos, pelo que somente as restantes contribuem para a manutenção e aumento do efetivo puro da raça", começa por contar José Pais.
A Mertolenga é a raça portuguesa de bovinos com o efetivo de maior dimensão em Portugal, e atualmente conta com 196 criadores aderentes ao LG. Com três fenótipos bastante diferentes (vermelho, malhado e rosilho), as vacas mertolengas são usadas em várias regiões do país, num grande número de explorações, das quais 399 são controladas pelo LG. A sua distribuição geográfica circunscreve-se à região a sul do Tejo, havendo também efetivos em outras regiões, por exemplo nos Açores.

De onde vem a Mertolenga?
Em 1873, Bernardo Lima, quando do censo pecuário refere o Mertolengo como "uma variedade do tipo Alentejano, com armação, atirando para a mesma projeção somente mais delgada na base e de cor mais retinta, existindo no baixo Alentejo, nas terras de Mértola, e no Algarve nas zonas de Alcoutim e Martinlongo". O Professor João Paula Nogueira considera o Mertolengo uma sub-raça do transtagano, e descreve-o como um animal de pouco corpo e cor bastante cereja ou castanho. Miranda do Vale diz que se diferencia das sub-raças Alentejana e Algarvia pela cor mais avermelhada.
Em 1953, Teófilo Frazão conclui com o seu trabalho nas terras de Mértola e outras regiões do Alentejo, que "o Mertolengo de ontem não é o Mertolengo de hoje" porque "os caracteres do atual Mertolengo são completamente diferentes dos observados há oitenta anos". Conclusão, o Mertolengo de 2024, é um animal filogeneticamente próximo do Alentejano e que evoluiu ao longo dos tempos para um animal distinto pela interação ambiental, com a intervenção do homem.

**José Pais é o Secretário Técnico da Associação de Criadores de Bovinos Mertolengos (ACBM).
A ACBM gere o Livro Genealógico da Raça desde 1995. É responsável pela evolução, promoção e todos os aspetos técnicos ligados à raça, nomeadamente a testagem de reprodutores e o catálogo anual de touros, em colaboração com o INIAV e a DGAV. Contribui também para o Banco Português de Germoplasma Animal com material genético.**



Que evolução teve?
A Mertolenga é a raça bovina autóctone que, provavelmente, mais influências teve, ao longo de muitas décadas, de outro tipo de raças e seus cruzamentos. Muito importante para a sua evolução e para a definição das três pelagens que hoje existem na Raça foi também a ação de alguns criadores. Quando eu entrei na Associação, em termos morfológicos existiam diferenças mais marcadas entre os animais de diferentes origens. Tínhamos alguns efetivos onde dizíamos por graça que as vacas tinham "cu de agulha". Eram animais muito estreitos atrás, com pouca massa muscular, em oposição a outros com alguma conformação muscular no posterior. Hoje já se nota uma evolução significativa, embora o Mertolengo continue a ser um animal de porte médio e com uma conformação muscular mediana. A testagem de machos candidatos a futuros reprodutores, na Herdade da Abóboda no Centro de Experimentação do Baixo Alentejo, contribuiu bastante para essa melhoria. Juntavam-se no mesmo ambiente animais de origens diferentes, testavam-se e selecionavam-se os que tinham melhor desempenho e conformação.

Que razões devem levar os produtores a escolher a raça Mertolenga, na ótica de quem não tem vacas e vai começar?
Desde logo, é importante saber que tipo de exploração têm, a sua localização e qual é o objetivo de produção. Em sítios mais pobres, de menor produção forrageira, onde chove menos, faz sentido ter animais mais adaptados, e aí faz muito sentido a Mertolenga. Dizia-se desta raça "até pedras comem", porque são vacas que aproveitam ao máximo o alimento disponível.
São animais adaptados ao sistema de produção e às condições que temos no sul do País, apresentando uma facilidade de parto extraordinária e boas características maternais. Citando a Professora Elvira Sales-Baptista, "ter animais como as vacas mertolengas que sejam resilientes, ou seja que tenham capacidade para serem minimamente afetados por perturbações na sua oferta alimentar e, se forem afetados, que consigam recuperar rapidamente, continuando a produzir crias e a aleitar, é uma vantagem na adaptação às mudanças". Em zonas com melhor capacidade forrageira, a raça Mertolenga também faz sentido, usada em linha pura, ou como linha materna na base de cruzamento com outra raça mais especializada, por exemplo Aberdeen-Angus ou Salers. Ou mesmo até com Wagyu, se o objetivo for produzir carne de qualidade. Se o objetivo for produzir peso ao desmame, o cruzamento já fará sentido com Charolês ou Limousine. Numa exploração de recursos mais parcos, a Mertolenga em cruzamento também poderá ser uma boa opção.

Como vê a ACBM o futuro da Mertolenga?
Devido às suas excelentes características maternais, a Mertolenga sofre um impacto negativo na manutenção do seu efetivo. A apetência da produção para usá-la em cruzamento leva à redução do número de reprodutoras em linha pura, o que a médio/longo prazo reduz o efetivo nacional. É prova disso os dados do SNIRA divulgados pelo IFAP desde 2013 em 31 de dezembro de cada ano. No final de 2013 tínhamos 31.324 reprodutoras e em 31de dezembro de 2023 este número passou para 21.707 (*pecuaria.pt/conteudo.php?idart=473*). Olhamos para o futuro com otimismo, porque é uma raça com potencial para representar um papel importante no cenário em que vivemos, mas com um trilho a percorrer cheio de pedra pelo caminho. A promoção da Mertolenga como linha materna por excelência no cruzamento, na produção de fêmeas F1 para usar como futuras reprodutoras, é uma estratégia que, na nossa opinião, faz sentido e pode ter um papel importante no futuro da raça.

PROGRAMA F1

Na Herdade dos Souséis de Baixo, em Évora, fazem-se F1 (Não Autóctone x Mertolenga). Nesta herdade de 96 hectares, de sequeiro, estão 60 reprodutoras adultas, 40 Mertolengas e 20 F1 (Angus, Limousine, Chalorês e Salers) produto de inseminação artificial. O único touro presente é da raça Aberdeen-Angus. Os partos estão concentrados entre janeiro e março, depois da parição faz-se a inseminação artificial com uma das 3 outras raças, e o touro Angus faz a cobrição de repescagem a seguir à inseminação. Em 2023, a inseminação foi feita com Charolês.
Este ano, em agosto, foram instaladas cercas elétricas, de forma a ter 18 parques, para implementar o pastoreio rotacional. São parques com 5-6 ha. Cada 4 parques têm acesso ao mesmo bebedouro. A água é distribuída por gravidade, a partir de um depósito colocado numa torre. É bombeada, de um furo, para esse depósito, por uma bomba com painel solar.



EFETIVO

Reprodutoras ativas no SNIRA em 31.12.2022 (+ de 2 anos)	21.707
Reprodutoras ativas no LG (+ de 2 anos)	11.484*
Criadores	196

**Das 11.484 fêmeas ativas atuais, 6156 estão em cruzamento (54%).*

DADOS DA RAÇA

Peso ao nascimento	25-30kg	
Peso ajustado aos 210 dias (kg)	180 (machos)	160 (fêmeas)
Peso 365 dias (kg)	380 (machos)	270 (fêmeas)
GMD (kg) após o desmame	1,000	
IC (kg MS/kg aumento peso)	6,3	
Idade ideal de abate (meses) Vitelão	12 a 14	
Rendimento da carcaça (%)	53	

Mais informação em: https://www.mertolenga.com/catalogo_2022.pdf



Cada vez mais se fala em sistemas de maneio em modo regenerativo. A movimentação frequente dos animais inerente a este maneio requer que estes sejam tranquilos. A mertolenga adapta-se a este sistema?
Sim, tudo depende do maneio que os animais têm, da maneira como são trabalhados. Em 2018, um técnico do Institut de l'Élevage que nos veio dar formação na área da classificação morfológica linear, dizia que o comportamento animal, em termos de temperamento, depende em 80% do maneio e da interação homem-animal e que apenas 20% é responsabilidade da genética. Temos a prova disso, aqui, na Herdade dos Souséis de Baixo.

Que cuidados deve ter um agricultor antes de comprar reprodutores da raça Mertolenga?
Deve tentar recolher alguma informação junto da Associação, nomeadamente em relação aos animais que vai adquirir. E olhar a alguns indicadores, como o peso ao desmame, a capacidade maternal e o intervalo entre partos. Também deve ir ver as vacas, mães das novilhas, caso seja este o tipo de animais que pretende adquirir e olhar para a relação peso/idade dos animais. É importante conhecer o efetivo e a exploração de origem dos animais. A ACBM está disponível para fornecer todo o apoio necessário a quem estiver interessado em fazer parte da família Mertolenga.

Como evoluíram esses indicadores?
Ao longo das últimas 4 décadas, o peso ao desmame, a conformação e o ganho médio diário (GMD) após o desmame são parâmetros que evoluíram significativamente. Para tal contribuiu muito a testagem de machos candidatos a futuros reprodutores desde 1978, realizada pela H. da Abóboda e a partir de 1999 pela ACBM. Atualmente os machos que terminam cada teste têm um GMD médio que ronda as 1100 gramas. Na testagem de machos temos outro parâmetro importante que tem sido avaliado que é a eficiência alimentar. Por razões económicas e ambientais é importante que os animais aprovados sejam também os mais eficientes a converter alimento no produto final. Associado a tudo isto, os valores genéticos individuais para o intervalo entre partos e para a componente maternal do peso ao desmame têm o papel principal na escolha de futuros reprodutores (machos e fêmeas). O recurso à inseminação artificial tem sido outra ferramenta utilizada, que, embora em pequena escala, já demonstra resultados nos efetivos de um grupo restrito de criadores que tem aderido.



Como mede a evolução da linha materna?
A quantificação do efeito do vigor híbrido observado na descendência, de um cruzamento que use a Mertolenga é um fator importante para monitorizar a evolução desta ação "Mertolenga Programa F1". Neste momento, não dispomos de uma unidade com capacidade para poder implementar o ensaio necessário e recolher dados sobre este parâmetro. Estamos num ponto em que os Souséis é uma pequena unidade de demonstração e nos fornece alguns dados.

Qual é o cruzamento que sugere?
Essa é uma das perguntas que muitos criadores me colocam, mas como em tudo, não temos receitas. O cruzamento a escolher por um produtor deverá ter sempre em conta o objetivo de produção. Definido o cruzamento, é importante definir qual o emparelhamento mais adequado na escolha do touro para o seu efetivo. Se fosse produtor, teria um núcleo de mertolengas para exploração em linha pura e/ou cruzamento, e um segundo núcleo de fêmeas F1 de Aberdeen-Angus e/ou Salers. Consoante o objetivo final de produção (vitelos ou carne), usaria neste núcleo touros diferentes.

Que medidas faltam a este sector para que a Mertolenga se desenvolva de forma significativa e sustentada?
Para que isso aconteça, e não só para a Mertolenga, mas para todas as raças —melhor, para todo o sector dos bovinos aleitantes em Portugal— falta, sem dúvida, definir um "Programa Operacional" para a produção de carne. E aqui falo de carne no global, ou seja, de todas as espécies.
Em segundo lugar, ao contrário do que se passa em outros sectores, não temos uma organização de topo (interprofissional ou outro tipo) que promova e apoie a produção de carne de bovino.
Toda e qualquer medida, mais ou menos sectorial, ou exclusiva para determinadas raças ou espécies, pela nossa experiência, não funciona quando implementada avulso sem um plano e uma estratégia agregada.

Qual seria o subsídio certo para justificar utilizar a raça Mertolenga?
Cada um faz as suas contas. Este tipo de apoio às raças autóctones está diretamente ligado à margem líquida da atividade, seja ela expressa em kg desmamados por hectare ou em outro tipo de indicador. Para ter uma ideia, um vitelo cruzado ao desmame pode valer o dobro (ou mais) do mertolengo puro. Ou seja, um apoio de 160€ (valor definido para a Mertolenga no PEPAC) não cobre a diferença. Mas, na minha opinião, o caminho não pode passar exclusivamente por um valor maior deste apoio. É importante que a Mertolenga seja valorizada pelo potencial que tem de desempenhar um papel importante no futuro da produção de carne de bovino em Portugal. Lá está, vem novamente à ideia a falta de um Programa Operacional.

Como são vendidos os animais puros?
A maior parte como Carne Mertolenga DOP através da Promert – Agrupamento de Produtores de Bovinos Mertolengos S.A. O volume de animais vendidos para reprodução, nos últimos anos, tem sido baixo.

A Mertolenga é uma raça comercializada internacionalmente?
Por enquanto não. Temos ainda alguns degraus a subir, e voltamos ao mesmo, vem novamente à ideia o tal programa. Tem havido alguns contactos com produtores do outro lado do Atlântico, mas ainda nada de concreto.

CENTRO DE TESTAGEM E RECRIA

Na Herdade dos Currais e Simalhas está instalado o Centro de Testagem e Recria da Raça Mertolenga. É neste centro que são selecionados os machos mertolengos candidatos a futuros reprodutores, com base em critérios definidos, como explica José Pais: "o intervalo entre partos, a componente maternal para o peso ao desmame, o consumo alimentar residual e o ganho médio diário em estação, são as características eleitas para pré-selecionar os animais que entram em testagem, em que as duas primeiras têm maior peso". O intervalo máximo de idades no grupo de animais a testar, entre o mais velho e o mais novo, não pode exceder os 90 dias, de forma a cumprir as normas do ICAR. Após esta pré-seleção administrativa, todos os animais são vistos na exploração de origem, para despistar eventuais problemas funcionais ou outros. Depois de entraram no centro, há um período máximo de 30 dias para adaptação ao alimento e ao sistema de controlo da ingestão individual. Em seguida, o teste tem a duração de 120 dias e durante este período são efetuadas pesagens dos animais em jejum com um intervalo de 21 dias. No final, após análise dos dados recolhidos com o apoio do INIAV, realiza-se o exame andrológico e, posteriormente, a classificação morfológica. Somente os animais aprovados nas três fases podem voltar para a exploração de origem como reprodutores, ou serem vendidos a outros criadores. Os reprovados destinam-se a Carne Mertolenga DOP.



Novilhos mertolengos no centro de testagem.



Este equipamento controla a ingestão total de cada animal. O objetivo é calcular o CAR (Consumo Alimentar Residual) para perceber qual a eficiência alimentar de cada novilho no teste em estação e utilizar este valor na avaliação genética e no cálculo do índice final do teste. No caso da Mertolenga, para os animais menos eficientes, o valor do CAR pode representar um custo de produção acrescido em 70€ por vitelão, destinado à Carne Mertolenga DOP, com cerca de 13 meses.